UTILIZANDO GRUPOS FOCAIS NA ADAPTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MEDIDAS PSICOLÓGICAS E EDUCACIONAIS

Using focal groups in the adaptation and construction of psychological and educational measures

Uso de Grupos Focales en la Adaptación y Construcción de Medidas Psicológicas y Educativas

https://doi.org/10.5935/2176-3038.20250019

Recebido: 10.nov.2024
Corrigido: 20. jul. 2025
Aprovado: 18.ago.2025

Jessica Particelli Gobbo[33]
Ana Claudia Araujo da Cruz[34]
Bruna Caroline Pereira[35]
André Luiz Monezi Andrade[36]
Christian Zanon[37]
Letícia Lovato Dellazzana-Zanon[38]

Resumo: O objetivo deste estudo foi descrever o uso de grupos focais como estratégia metodológica qualitativa para aprimorar a clareza e a validade de conteúdo de itens durante a construção de instrumentos psicológicos e educacionais. A partir da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA), foram conduzidos cinco grupos focais com 18 adolescentes de 14 a 17 anos, organizados por faixa etária. Os participantes analisaram os itens da escala e sugeriram reformulações para torná-los mais compreensíveis. As contribuições resultaram na modificação de 22 itens, considerando diferenças cognitivas, de vocabulário e socioculturais entre os adolescentes. Os resultados reforçam a relevância dos grupos focais como recurso complementar à avaliação por juízes, permitindo a produção de instrumentos mais adequados à população-alvo. Conclui-se que a implementação de grupos focais é uma etapa recomendável nos processos de construção e adaptação de testes, especialmente quando direcionados ao público adolescente.

Palavras-chave: adolescência; projetos de vida; grupos focais; construção de instrumento; psicometria.

Abstract: *The aim of this study was to describe the use of focus groups as a qualitative methodological strategy to enhance the clarity and content validity of items during the construction of psychological and educational instruments. Using the Life Projects Scale for Adolescents (EPVA) as a case study, five focus groups were conducted with 18 adolescents aged 14 to 17, organized by age group. Participants analyzed the scale items and suggested reformulations to make them more understandable. Their contributions resulted in the modification of 22 items, taking into account cognitive, vocabulary, and sociocultural differences among adolescents. The results highlight the relevance of focus groups as a complementary resource to expert panel reviews, enabling the development of instruments that are better suited to the target population. It is concluded that the implementation of focus groups is a recommended step in the processes of test construction and adaptation, especially when aimed at adolescent populations.*

Keywords: *adolescence; purpose in life; focus groups; instrument development; psychometry.*

Resumen: *El objetivo de este estudio fue describir el uso de grupos focales como estrategia metodológica cualitativa para mejorar la claridad y la validez de contenido de los ítems durante la construcción de instrumentos psicológicos y educativos. A partir de la Escala de Proyectos de Vida para Adolescentes (EPVA), se realizaron cinco grupos focales con*

33 Psicóloga (2015), Mestre (2017) e Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail jessicaparticelli@hotmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0002-3500-0882.

34 Psicóloga (2015) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail anaclaudiacruz.psico@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0002-8485-5908.

35 Psicóloga (2016) e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail bruna1107@hotmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0002-1583-8274.

36 Psicólogo (2007) pela Universidade Positivo, Mestre (2011), Doutor (2015) e Pós-Doutor (2016) em Psicobiologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Pós-Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2017). Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. E-mail: andremonezi@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0003-0111-8935.

37 Psicólogo (2006) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre (2009), Doutor (2011) e Pós-Doutor (2011) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS. E-mail: crstn.zan@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0003-3822-5275.

38 Psicóloga (2001) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre (2008) e Doutora (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: leticiadellazzana@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0003-0649-1675.

18 adolescentes de entre 14 y 17 años, organizados por rango de edad. Los participantes analizaron los ítems de la escala y sugirieron reformulaciones para hacerlos más comprensibles. Las contribuciones resultaron en la modificación de 22 ítems, considerando las diferencias cognitivas, de vocabulario y socioculturales entre los adolescentes. Los resultados refuerzan la relevancia de los grupos focales como recurso complementario a la evaluación de jueces, permitiendo la elaboración de instrumentos más adecuados a la población objetivo. Se concluye que la implementación de grupos focales es una etapa recomendable en los procesos de construcción y adaptación de pruebas, especialmente cuando están dirigidas al público adolescente.

Palabras Clave: *adolescencia; proyecto de vida; grupos focales; desarrollo de instrumentos; psicometría.*

Introdução

Desenvolver itens adequados para mensurar construtos psicológicos tem sido um dos principais desafios enfrentados pelos pesquisadores da Psicologia (Beatty & Willis, 2007). Técnicas sugeridas na literatura para realização desse processo podem ser classificadas em duas categorias: qualitativas e quantitativas (Urbina, 2014). As técnicas quantitativas, que incluem análises estatísticas (e.g., análise fatorial [Zanon *et al.*, 2020]), têm recebido considerável atenção por parte dos pesquisadores (Blanca, Alarcón, & Bono, 2018). As técnicas qualitativas que incluem procedimentos como a análise semântica dos itens pela população-alvo, geralmente, têm sido conduzidas de forma superficial (Zamanzadeh *et al.*, 2015), embora sejam parte fundamental no processo de busca de evidências de validade de conteúdo dos instrumentos (Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold, & Hutz, 2013). Para lançar luz sobre a relevância dos procedimentos qualitativos na elaboração/revisão de itens e incentivar o uso da análise semântica, o objetivo deste estudo foi descrever, de forma detalhada, a implementação de grupos focais como estratégia metodológica qualitativa para a análise semântica e o aprimoramento de itens da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA). Acredita-se que procedimentos semelhantes podem ser usados por estudantes e pesquisadores interessados em adaptar ou construir instrumentos psicológicos e educacionais.

Análise semântica de itens e grupos focais

A análise semântica dos itens inclui procedimentos verbais, nos quais os representantes da população-alvo são encorajados a discutir os itens (Cohen, Swerdlik, & Sturman, 2014), para assegurar que seus itens sejam inteligíveis (Pasquali, 2010) e compreendidos de forma adequada. A análise semântica pode ser realizada por meio de entrevistas individuais (Zamanzadeh et al, 2015) ou de grupos focais (Pacico, 2015). Esses procedimentos buscam compreender possíveis processos cognitivos envolvidos não previstos inicialmente (e.g., compreensão distinta do conteúdo do item) e minimizar possíveis vieses nas respostas (Willis, 2018). Outras variáveis relevantes para a adequada compreensão dos itens avaliadas na AS são a capacidade de compreensão de leitura e nível de vocabulário dos respondentes (Urbina, 2014). O grupo focal é uma técnica de pesquisa na qual a coleta de dados é realizada por meio de interações grupais para discutir um determinado tópico sugerido pelo pesquisador (Morgan, 1997). Ele se caracteriza por apresentar um grupo de indivíduos interagindo com algum interesse ou características comuns, reunidos por um moderador, que utiliza o grupo e sua interação como forma de obter informações sobre um assunto de interesse. O moderador cria um ambiente permissivo e estimulante que encoraja diferentes percepções e pontos de vista, sem pressionar os participantes a decidir, planejar ou chegar a um consenso. A discussão em grupo é realizada várias vezes com tipos semelhantes de participantes para identificar tendências e padrões nas percepções (Krueger & Casey, 2009). Grupos focais podem também ser utilizados para testar hipóteses e avaliar teorias, técnica comumente utilizada por acadêmicos em aplicações práticas (Fern, 2001). A utilização de grupos focais possibilita ao pesquisador: investigar as características de uma população, complementar a coleta de dados, desenvolver intervenções e aprimorar escalas e outros instrumentos de avaliação psicológica ou educacional (Kidd & Parshall, 2000). Embora não tenha sido criado especificamente para a avaliação de itens de instrumentos (Gatti, 2005), o uso de grupos focais para avaliação semântica de itens tem sido recomendado na literatura (Pacico, 2015; Pasquali, 2010). Uma das principais vantagens desta técnica está na interação entre os participantes, que permite que diferentes perspectivas sejam expostas simultaneamente (Gibbs, 1997). Além disso, esta técnica estimula participantes que inicialmente acreditam que não têm muito a dizer, a participar de

forma ativa a partir dos comentários dos outros participantes (Robson & McCartan, 2016). A utilização de grupos focais durante a construção de um instrumento possibilita identificar o que é relevante acerca do conteúdo, mostrando as áreas que precisam ser cobertas (Gondim, 2003) ou aperfeiçoadas. Embora existam grupos focais para diferentes finalidades, a ênfase dada ao processo de discussão entre os participantes e o moderador é uma característica comum a todos eles. Os grupos focais possibilitam: (a) produção de informações sobre a adequação das dimensões propostas de um instrumento (e.g., considerando a abrangência e a ênfase dada a conteúdos específicos a serem avaliados), (b) adequação da quantidade de itens ao propósito do teste, e (c) promoção de insights a respeito da maneira como os itens devem ser escritos para evitar distorções de entendimento (Gondim, 2003). Apesar do uso de grupos focais ser uma prática comum nas etapas iniciais do desenvolvimento de testes psicológicos e educacionais (International Test Commission [ITC], 2017), de forma geral, as descrições produzidas nos manuscritos referentes a esta técnica costumam ser curtas e com foco no que deve ser mantido ou mudado para o aprimoramento do conjunto de itens finais, sendo que pouca ou nenhuma ênfase é dada a como lidar com o conjunto de informações obtidas (ver, Pacico *et al.*, 2013, para a descrição de um estudo que conduziu uma análise de conteúdo sobre esperança em uma adaptação de teste). Considerando a importância que a implementação desta técnica apresenta no processo de construção e adaptação de testes psicológicos e educacionais, este estudo busca suprir esta lacuna apresentando como lidar, qualitativamente, com as informações provenientes de grupos focais para o aprimoramento de itens. Para ilustrar este processo, foi considerado o caso da construção da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA, Dellazzana-Zanon, Zanon, Noronha, Oliveira, & Rosado, 2019; Pereira, Gobbo & Dellazzana-Zanon, 2017).

Escala de projetos de vida para adolescentes

No contexto brasileiro, a avaliação de projetos de vida costuma ser feita predominantemente por meio de instrumentos qualitativos (Vieira & Dellazzana-Zanon, 2020). Contudo, a falta de um instrumento padronizado para avaliação em larga escala limita a compreensão desse construto em grandes populações de adolescentes. Para suprir essa lacuna, foi desenvolvida a Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA), que tem como público-alvo adolescentes com idades entre 14 e 17 anos. Para que um instrumento seja considerado apropriado é fundamental que ele apresente evidências de validade e confiabilidade para o construto que se propõe a mensurar (Pasquali, 2010). Nesse sentido, a EPVA passou por um processo de avaliação do conteúdo dos itens, que incluiu a avaliação de juízes (Gobbo, Nakano, & Dellazzana-Zanon, 2019). Compreende-se projeto de vida como uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que seja significativo para o indivíduo e que gere consequências para o mundo além dele mesmo (Damon, 2009). Essa definição inclui quatro características: (a) objetivos de longo alcance, (b) significado pessoal, (c) comprometimento, e (d) impacto social (Damon, 2009; Damon, Menon, & Bronk, 2003). A EPVA busca avaliar mais especificamente o primeiro aspecto dessa definição, mas também captura nuances dos outros três aspectos. A adaptação dos itens da EPVA para a população-alvo foi feita por meio de grupos focais, seguindo o que Pasquali (2010) descreve como adequação semântica dos itens. Esse processo permite verificar se os itens são compreensíveis tanto para o estrato mais baixo (de habilidade) da população-alvo quanto para o mais sofisticado (com maior nível de habilidade). Esta recomendação se aplica a testes desenvolvidos para a população em geral, mas não necessariamente para testes criados para grupos específicos, como é o caso da EPVA (Zanon, Fabretti, Heath, & Zacarias, 2021). A seguir, apresenta-se uma descrição de como foram desenvolvidos os grupos focais com adolescentes e como foi verificada a adequação dos itens à faixa etária selecionada. Através deste estudo, foi possível elaborar uma descrição detalhada do processo de refinamento psicométrico da EPVA, por meio de grupos focais. Espera-se que essa descrição possa auxiliar outros pesquisadores que pretendem construir instrumentos fornecendo orientações sobre procedimentos similares para a obtenção de itens mais adequados para seus instrumentos de medida. Neste manuscrito enfatiza-se a importância dos grupos focais como estratégia metodológica para o refinamento dos itens da EPVA.

Método

Grupos Focais

Foram organizados cinco grupos focais para a realização deste estudo, levando em consideração a

idade dos participantes (Pasquali, 2010). A escolha de formar grupos distintos, considerando as diferentes faixas etárias, se deu pelo caráter de transição da adolescência (Breinbauer & Maddaleno, 2008; Lee, 2019). Dessa forma, espera-se que haja diferenças na compreensão dos itens entre um adolescente de 14 anos e um adolescente de 17 anos.

Na primeira etapa do estudo, todos os itens do instrumento foram avaliados por quatro grupos focais distintos, compostos por integrantes com a mesma idade (14, 15, 16 e 17 anos, respectivamente). Após a reformulação dos itens considerados inadequados por cada grupo, uma segunda etapa foi realizada, na qual o instrumento foi apresentado a um grupo heterogêneo, composto por adolescentes de todas as idades, a fim de confirmar se os itens reformulados faziam sentido para toda a faixa etária incluída na amostra. O objetivo de separar os adolescentes por idades foi avaliar se um item que fazia sentido para um adolescente de 14 anos, também fazia sentido para um adolescente de 17 anos, e vice-versa.

Tabela 1 - Definições das Dimensões.

Dimensão	Nº de itens	Definição
1	20	Projetos relacionados a iniciar, manter, ou intensificar relacionamentos afetivos. Essa dimensão é composta pelas subcategorias: (a) constituir família, com ou sem filhos; (b) convivência com a família de origem, (c) namorar e (d) projetos que envolvam ajudar algum familiar.
2	19	Projetos relacionados à continuidade dos estudos. Essa dimensão é composta pelas subcategorias: (a) terminar os estudos e (b) fazer faculdade.
3	17	Projetos relacionados a exercer uma profissão ou ter um emprego.
4	16	Projetos referentes à vontade de se melhorar enquanto pessoa ao longo do tempo. Incluem-se projetos que indiquem a vontade de se tornar uma pessoa melhor que faça, de alguma forma, diferença na vida de outras pessoas e na sociedade.
5	17	Projetos relacionados à aquisição de bens materiais e ao desejo de melhoria da condição financeira.
6	14	Projetos relacionados à satisfação com a conexão pessoal com Deus ou com algo que se considere como absoluto.
7	13	Projetos relacionados ao sentido da vida independentemente de uma referência religiosa. Incluem nessa categoria também, projetos relacionados à ausência do sentido da vida.

Nota: Na coluna Dimensão: 1. Relacionamentos Afetivos; 2. Estudo; 3. Trabalho; 4. Aspirações Positivas; 5. Bens Materiais; 6. Religião/ Espiritualidade; 7. Sentido da Vida.

Participantes

O estudo contou com a participação de 18 estudantes, sendo 13 do sexo feminino, com idades entre 14 a 17 anos, que estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A seleção dos participantes foi por conveniência e o período total para a realização de todos os grupos focais foi de dois meses. Somente os adolescentes que apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por um dos responsáveis legais puderam participar dos grupos. O critério de inclusão se baseou nas idades dos adolescentes.

Instrumento avaliado

Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (Dellazzana-Zanon *et al.*, 2019). Nessa fase do estudo, a escala constituía-se em um instrumento de 91 itens distribuídos em sete dimensões desenvolvidas. As dimensões, a quantidade de seus respectivos itens e as suas definições são apresentadas na Tabela 1.

Procedimentos gerais

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da [informação suprimida] (CAAE [informação suprimida]), foi feito contato com a direção da escola pública para avaliar a viabilidade da realização dos grupos focais com os adolescentes. Parte dos autores deste estudo teve uma reunião presencial com a diretora da escola para explicar todo o procedimento que seria realizado com os adolescentes. A diretora convidou os alunos para participar da pesquisa e entregou o TCLE para os pais ou responsáveis legais dos alunos que se voluntariaram para participar. Foram realizados quatro grupos focais com cinco ou mais adolescentes cada, para garantir que, caso alguém faltasse, fosse possível substituí-lo por outro participante cujos pais já haviam assinado o TCLE. Os estudantes foram divididos de acordo com suas idades (14, 15, 16 e 17 anos) e os grupos foram realizados na sala de leitura da escola com a ajuda de um projetor e um computador. Nos dias e horários previamente agendados, duas pesquisadoras conduziram os grupos. As tarefas foram divididas entre a moderação dos grupos focais e o registro de todas as sugestões e comentários dos adolescentes para cada item. Foi prepara-

da uma apresentação em *PowerPoint* com as instruções para responder à EPVA e cada um dos itens que a compunha. Após a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido por todos os participantes, foi explicado o papel das duas pesquisadoras e feito um *rapport* com as instruções sobre como a tarefa seria realizada: a moderadora apresentaria cada um dos itens da escala para o grupo, cada membro do grupo deveria ler o item, dizer o que entendeu e sugerir, ou não, melhorias para o item. A partir das sugestões apresentadas nos quatro grupos focais, as pesquisadoras realizaram melhorias na EPVA. Com a mesma reformulada, foi possível realizar a segunda etapa do estudo: formou-se um quinto grupo composto por 11 dos 18 adolescentes que haviam participado dos grupos anteriores, com idades variadas. Nesse novo grupo, foram apresentados apenas os itens reformulados (22 itens) e a mesma tarefa realizada pelos grupos anteriores foi realizada. A tabela 2 apresenta as fases do GF desde o seu planejamento.

Tabela 2 - Fases de Execução do Grupo Focal para Fins de Refinamento de Itens.

Fase	Objetivo
Antes do GF	• Definir quem será o moderador e quem será o auxiliar • Providenciar uma sala e materiais adequados para a condução do GF • Definir a forma como os itens serão apresentados (e.g. apresentação em -Powerpoint ou de forma impressa) • Definir como será feito o rapport para os participantes do GF
Durante o GF	• Treinar a equipe que conduzirá o GF • Realizar um rapport claro e objetivo sobre a tarefa • Promover um clima descontraído para que os participantes se sintam à vontade para falar o que pensam sobre os itens • Apresentar a equipe e os membros que compõem o GF • Apresentar item por item e escutar as sugestões dos participantes sobre as possíveis melhorias para a compressão do item • Ao final do grupo o moderador deve agradecer a ajuda e a disponibilidade dos participantes
Após o GF	• A equipe deverá avaliar a pertinência das sugestões que surgiram por meio do -GF e realizar as modificações para que os itens se tornem mais compreensíveis • Sugere-se que um novo GF seja realizado com parte dos participantes do GF original para avaliar se as mudanças realizadas realmente tornaram os itens mais compreensíveis para aquela população • Caso um novo GF seja realizado, a equipe deverá avaliar se as modificações realizadas tornaram os itens mais compreensíveis

Resultados

Os adolescentes do grupo de 14 anos foram os que mais apresentaram dificuldade na compreensão de algumas palavras específicas e fizeram mais sugestões para a melhoria dos itens (15 itens), tendo sugerido mudanças em todas as dimensões[39] da EPVA, exceto na dimensão Aspirações Positivas. Para a dimensão Relacionamentos Afetivos, os participantes deram sugestões em quatro itens. O item 03 ("Gostaria de ter um(a) parceiro(a) sexual") gerou uma discussão sobre como as possibilidades de ter um parceiro que fosse apenas sexual e não um namorado fixo, e no item 69 ("Gostaria de estar em um relacionamento estável") houve confusão com a expressão "relacionamento estável". Para a dimensão Estudo, foram sugeridas mudanças em dois itens. O item 36, sobre a vontade de estudar algo no qual se possa exercer suas potencialidades e habilidades, gerou dúvidas quanto à palavra "potencialidades" e foi então sugerido manter apenas a palavra "habilidades" e trocar "exercer" por "melhorar". Em relação ao item 80, sobre ganhar dinheiro com a faculdade mesmo que isso não traga realização, os adolescentes sugeriram trocar por "mesmo que isso não me faça feliz". Na dimensão Trabalho, os participantes não compreenderam o que "boas condições de trabalho" e "trabalho estável" significavam, respectivamente, nos itens 35 e 89. Na dimensão Religião/Espiritualidade, os adolescentes sugeriram mudanças nos itens 25 e 66, que foram reformulados para melhorar a compreensão dos participantes. O grupo de adolescentes de 15 anos fez sugestões em 14 itens, sendo o grupo que mais participou e discutiu as peculiaridades de cada item. Além disso, sugestões foram feitas em todas as dimensões. Na primeira dimensão, Relacionamentos Afetivos, foram propostas alterações em três itens. Como aconteceu no grupo de 14 anos, os participantes de 15 anos também sugeriram substituir "parceiro sexual" por "parceiro" no item 03, a fim de não abordar apenas a questão sexual. É importante destacar que o item 3 gerou polêmica entre os estratos mais jovens da população-alvo (14 e 15 anos). Da mesma forma que no grupo de 14 anos, no item 55, que trata do desejo de ter um parceiro atraente fisicamente, os adolescentes sugeriram remover a palavra "fisicamente". Na segunda dimensão, Estudo, três su-

39 Como a análise da estrutura interna (e.g., análise fatorial exploratória) da EVPA indicou a exclusão da dimensão Sentido da Vida (Dellazzana-Zanon *et al*., 2019), os resultados específicos dos grupos focais quanto a essa dimensão não são apresentados.

gestões foram apresentadas. No item 06, que trata da aquisição de conhecimento por meio dos estudos, foi sugerido alterar para "desejo de adquirir um conhecimento mais amplo em meus estudos". No item 36 ("Gostaria de estudar algo no qual possa exercer minhas habilidades e potencialidades"), os adolescentes sugeriram que nem todos poderiam entender o significado de "habilidades e potencialidades". Sugeriram, portanto, substituir "habilidades e potencialidades" por "capacidades" e usar "demonstrar" em vez de "exercer". Em relação ao item 48, que trata do desejo de fazer uma faculdade, os adolescentes sugeriram incluir fazer curso técnico. Na terceira dimensão, Trabalho, apenas uma sugestão foi feita em relação ao item 14, que trata da vontade de ter um trabalho que atenda às necessidades básicas. Os participantes acharam que a palavra "básicas" era muito limitante, então sugeriram usar apenas "necessidades". Foi feita uma sugestão adicional para a dimensão Aspirações Positivas em relação ao item 38. Neste item, que trata do desejo de ser uma pessoa mais generosa do que é atualmente, sugeriu-se remover "do que sou hoje". Para a dimensão Bens Materiais, foram feitas sugestões em três itens. No item 01, que trata do desejo de ganhar muito dinheiro, os adolescentes sugeriram remover "muito" e manter apenas "ganhar dinheiro". No item 10, que trata do desejo de fazer viagens internacionais, sugeriu-se abordar o desejo de fazer viagens de qualquer tipo, não apenas internacionais. No item 84, que trata da aquisição de mais coisas do que o necessário, os participantes sugeriram que o item fosse reescrito no sentido de possuir apenas o necessário para viver. Assim como aconteceu no grupo de 14 anos, os adolescentes do grupo de 15 anos sugeriram substituir a palavra "pautada" do item 66 da dimensão Religião/Espiritualidade, já que não entenderam o que ela queria dizer. Nos grupos formados por adolescentes de 16 anos e 17 anos, houve uma redução no número de sugestões, o que sugere um aumento na compreensão dos itens. Os adolescentes do grupo de 16 anos sugeriram mudanças em itens das dimensões: Relacionamentos Afetivos, Estudo, Trabalho e Bens Materiais. Na dimensão Relacionamentos Afetivos, eles sugeriram que o item 21 fosse dividido em dois para abordar o desejo de viver sozinho e de ter menos contato com outras pessoas. Na dimensão Estudo, eles propuseram a inclusão de "curso técnico" no item 48, que antes mencionava apenas faculdade. Na dimensão Trabalho, os participantes afirmaram que o item 29, sobre o desejo de não trabalhar, não era realista, e sugeriram que fosse substituído por "não gostaria de estar trabalhando em algo que não me dê prazer". Na dimensão Bens Materiais, eles propuseram que o item 10, sobre a vontade de fazer viagens internacionais, abordasse viagens nacionais e que o item 19, sobre trocar de carro fosse menos superficial e enfatizasse a necessidade em vez do desejo. No grupo de adolescentes de 17 anos, poucas sugestões foram feitas (6 itens) as dimensões Relacionamentos Afetivos, Estudo, Bens Materiais e Sentido da Vida. Esse foi o grupo mais longo, pois os adolescentes, seus próprios projetos de vida e anseios, indo além da tarefa solicitada. Tópicos como formatura, o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM), e faculdade foram recorrentes nas discussões dos participantes desse grupo. Além das sugestões já mencionadas, novas sugestões foram feitas para apenas dois itens, um na dimensão Relacionamentos Afetivos (item 2) e outro na dimensão Sentido da Vida (item 73). Os adolescentes sugeriram que o item 2 abordasse a questão de ajudar a família não apenas em relação à moradia, mas no que fosse preciso. Já no item 73, eles propuseram uma revisão para torná-lo mais claro e objetivo. Com a realização desses quatro grupos focais, foi possível reformular 21 itens da escala, visando melhorar sua qualidade e excluir itens que não estavam compreensíveis ou cuja ideia já tinha sido apresentada em outros itens. Um dos itens foi dividido em dois, para facilitar a compreensão dos adolescentes. Em seguida, realizou-se um quinto grupo focal composto por adolescentes de idades mistas, com o objetivo de verificar se as mudanças feitas nesses 22 itens seriam compreensíveis tanto pelos adolescentes de 14 anos, como pelos de 17 anos. Dos 18 adolescentes que participaram dos grupos anteriores, 11 participaram desse último grupo. Mesmo após a reformulação dos itens, os adolescentes fizeram sugestões adicionais, que foram incorporadas para aprimorar ainda mais a escala. As sugestões foram relacionadas a cinco itens das dimensões Estudo, Trabalho, Aspirações Positivas, Religião/Espiritualidade e Sentido da vida. Em relação ao item 36, que trata sobre estudar algo que seja possível para desempenhar suas capacidades, os adolescentes acharam a palavra "desempenhar" estranha e sugeriram mudar para "aprimorar minhas capacidades" Em relação ao item 35, que fala sobre um local com boas condições de trabalho, os adolescentes sugeriram que o conceito fosse mais bem explicitado. No item 38, relacionado ao desejo de ser mais

generoso, o grupo misto sugeriu acrescentar a ideia de que a pessoa quer ser "cada vez mais" generosa, enquanto o grupo de 15 anos havia sugerido retirar a ideia de que já são generosos no momento presente, dando a entender que a generosidade não é vivenciada no dia a dia. Já em relação ao item 25, que trata do desejo de recorrer a Deus para resolver dificuldades, os participantes sugeriram que a palavra "ajudar" fosse adicionada para enfatizar que a pessoa também fará algo, e não apenas deixará tudo nas mãos de Deus. Com base nessas sugestões, foram realizadas outras modificações nos itens para torná-los ainda mais compreensíveis para a população-alvo. Após o trabalho dos grupos focais, a EPVA passou a ter 86 itens distribuídos em sete dimensões, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Total de Itens por Dimensão.

Dimensões EPVA	1ª Versão	Versão após Juízes	Versão após Grupos focais
Relacionamentos Afetivos	20 itens	19 itens	19 itens
Estudo	19 itens	15 itens	15 itens
Trabalho	17 itens	12 itens	12 itens
Aspirações Positivas	16 itens	14 itens	14 itens
Bens Materiais	17 itens	14 itens	10 itens
Religião / Espiritualidade	14 itens	10 itens	10 itens
Sentido da Vida	13 itens	07 itens	06 itens
Total	**116 itens**	**91 itens**	**86 itens**

Discussão

O objetivo deste estudo foi descrever, de forma detalhada, a implementação de grupos focais como estratégia metodológica qualitativa para a análise semântica e o aprimoramento de itens da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA). A aplicação de grupos focais possibilitou não apenas a identificação de termos ambíguos e ajustes necessários ao vocabulário, mas também ofereceu evidências qualitativas relevantes sobre a adequação dos itens à população-alvo. Conforme salientado por Pasquali (2010), a clareza dos itens é condição essencial para garantir validade de conteúdo, e os grupos focais se mostraram fundamentais nesse processo. A descrição apresentada neste estudo pode ajudar estudantes e pesquisadores interessados em criar ou adaptar testes psicológicos e educacionais a elaborarem projetos de pesquisa que incluam a realização de grupos focais para produzir itens mais válidos (e.g., compreensíveis e adequados) e para apresentar informações sobre como conduzir os grupos-focais e interpretar os dados. Apesar da EPVA ter sido avaliada por juízes (i.e., uma etapa recomendada para avaliar itens), a utilização dos grupos focais foi fundamental para assegurar a adequação dos itens para a população-alvo: adolescentes entre 14 a 17 anos. Essa estratégia é coerente com a literatura que destaca a importância da análise semântica como parte das evidências de validade de conteúdo (Pacico *et al.*, 2013; Zamanzadeh *et al.*, 2015), e com as orientações internacionais para a construção e adaptação de testes (ITC, 2017). Em relação aos grupos focais conduzidos com adolescentes de 14 a 17 anos, destaca-se que, embora o intervalo de quatro anos possa parecer reduzido, ele representa um período decisivo no desenvolvimento dessa faixa etária. Do ponto de vista neurobiológico, a adolescência é marcada por mudanças substanciais na estrutura e no funcionamento cerebral (Steinberg, 2012; Fuhrmann, Knoll, & Blakemore, 2015). Sob a perspectiva cognitiva, a adolescência é marcada por mudanças substanciais na estrutura e no funcionamento cerebral (Inhelder & Piaget, 1976). Por estas razões, espera-se que um adolescente de 17 anos esteja mais engajado e mais preparado para pensar sobre aspectos que digam respeito ao seu futuro do que um adolescente de 14 anos. A maior compreensão dos itens e o envolvimento mais ativo dos participantes mais velhos na discussão dos conteúdos evidenciam tais transformações cognitivas e cerebrais características dessa etapa do desenvolvimento. Os resultados indicaram que adolescentes mais velhos demonstraram maior compreensão e engajamento em itens relacionados a relacionamentos afetivos, possivelmente em razão de vivências mais frequentes nesse campo (Chaves, 2016; Riter, Dellazzana-Zanon & Freitas, 2019). Essa diferença reforça a relevância de considerar o nível de desenvolvimento e experiência dos participantes ao redigir itens, tal como sugerem Pasquali (2010) e Urbina (2014), que enfatizam a adequação semântica e a compatibilidade com o nível de vocabulário da população-alvo. Os adolescentes que participaram dos grupos focais pertencem a um nível socioeconômico baixo. Por isso, alguns itens da escala, como o que se refere a viagens internacionais, pode não ter feito sentido para eles, já que raramente têm a oportunidade de viajar, mesmo dentro do próprio país.

Nesse sentido, a sugestão de incluir viagens nacionais no item parece mais coerente com a realidade dos participantes. Outro exemplo da importância dos grupos focais para aprimorar os itens da escala é o item 48, que motivou sugestões dos grupos de 15, 16 e 17 anos. Para esse item, que trata do desejo de fazer faculdade, os adolescentes desses grupos mencionaram a necessidade de acrescentar "curso técnico", além da faculdade. Essa sugestão pode estar relacionada ao fato de que, para esses adolescentes, o curso técnico pode ser visto como uma possibilidade mais próxima e concreta de formação profissional do que a faculdade. A ampliação desses dois itens, graças aos grupos focais, torna a escala mais diversificada e apta a ser compreendida por adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos. Esses resultados destacam a capacidade dos grupos focais de identificar áreas de conteúdos relevantes no instrumento para evitar vieses de compreensão (Gondim, 2003). Além de gerar ajustes semânticos, os grupos focais se mostraram um espaço privilegiado para que os adolescentes refletissem sobre seus projetos de vida, confirmando achados anteriores (Dellazzana-Zanon, Silva, & Zanon, 2022). A interação grupal, em consonância com Krueger e Casey (2009) e Gibbs (1997), favorece o surgimento de percepções diversas e encoraja a participação ativa, inclusive de indivíduos inicialmente menos dispostos a contribuir. Esse formato, portanto, não apenas melhora a qualidade técnica do instrumento, mas também potencializa o envolvimento dos respondentes. Considerando que a EPVA é direcionada a adolescentes, a realização de grupos focais possibilitou adequar o vocabulário dos itens à faixa etária, prevenindo dificuldades de compreensão e interpretações distorcidas do sentido original. Interpretações divergentes podem afetar negativamente as propriedades psicométricas dos testes, gerando estimativas enviesadas (Zanon, Lessa, & Dellazzana-Zanon, 2018), e comprometendo as evidências de validade (Pacico *et al.*, 2013). Nesse sentido, a adequação do vocabulário e a redução de ambiguidades são etapas essenciais para garantir maior validade de conteúdo, pois diminuem a variedade de interpretações possíveis. A presente experiência confirma a recomendação de Pasquali (2010), de que grupos focais, quando bem conduzidos, configuram-se como uma estratégia metodológica de alto impacto no refinamento de itens. Os resultados obtidos permitiram a reescrita e reformulação de itens, tornando-os mais claros e compreensíveis para todos os estratos da população-alvo, fortalecendo a qualidade técnica do instrumento e a precisão de suas avaliações. Uma limitação metodológica relevante deste estudo refere-se ao uso de uma amostra única, composta exclusivamente por adolescentes de uma escola pública de uma cidade do interior, o que restringe a diversidade dos participantes e compromete a representatividade da população-alvo. Tal limitação possui implicações éticas e de generalização: eticamente, há o risco de injustiça avaliativa caso os itens da escala, ajustados com base em um grupo relativamente homogêneo, sejam aplicados amplamente sem considerar as especificidades de adolescentes de diferentes contextos educacionais, culturais e socioeconômicos. Do ponto de vista da generalização, os resultados obtidos refletem compreensões e valores situados, o que reduz a validade externa do instrumento e pode comprometer sua adequação para populações adolescentes mais amplas e diversas. Recomenda-se, portanto, que estudos futuros incluam amostras mais heterogêneas, de distintas regiões e tipos de escola, a fim de ampliar a validade e a equidade na construção de instrumentos. Apesar dessa limitação, é possível adotar outras estratégias para conduzir, analisar e interpretar as informações e resultados produzidos nos grupos focais. A descrição apresentada neste estudo permite que outros pesquisadores adotem estratégias semelhantes para adequar e refinar seus itens antes da aplicação final do teste na população-alvo. Os ganhos produzidos pelo refinamento dos itens são essenciais para a adequada avaliação dos conteúdos de interesse. Portanto, é recomendável que os grupos focais sejam implementados sempre que possível durante a construção ou adaptação de testes psicológicos e educacionais.

Referências

Beatty, P. C., & Willis, G. B. (2007). Research synthesis: The practice of cognitive interviewing. **Public Opinion Quarterly**, 71(2), 287–311. https://doi.org/10.1093/poq/nfm006

Blanca, M. J., Alarcón, R., & Bono, R. (2018). Current Practices in Data Analysis Procedures in Psychology: What Has Changed? **Frontiers in psychology**, 9, 2558. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02558

Breinbauer, C., & Maddaleno, M. (2008). Nova abordagem para classificar os estágios de desenvolvimento dos adolescentes. *In*: Organização Pan-americana da Saúde (Ed.). **Jovens: Escolhas e mudanças:** Promovendo comportamentos saudáveis (pp. 212–221). São Paulo: Roca.

Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. **Psicologia & Sociedade,** 28, 320–330. https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320

Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). **Testagem e avaliação psicológica:** Introdução a testes e medidas. (Monteiro, M. C G., Trad.). Porto Alegre: AMGH Editora.

Damon, W. (2009). **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes (J. Valpassos, Trad.). São Paulo: Summus.

Damon, W., Menon, J., & Bronk, K. C. (2003). The development of purpose during adolescence. **Applied Developmental Science**, 7(3), 119–128. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0703_2

Dellazzana-Zanon, L. L., Zanon, C., Noronha, A. P. P., Oliveira, M. V., & Rosado, A. F. P. (2019). Evidências Preliminares de Validade da Escala de Projetos de Vida Para Adolescentes. **Avaliação Psicológica**, 18(4), 429–437. https://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18602.11

Dellazzana-Zanon, L. L., Silva, C. H. F., & Zanon, C. (2022). A importância da avaliação de projetos de vida no contexto educacional. *In*: C. S. Hutz, D. R. Bandeira, C. M. Trentini, & J. P. Giordani (Eds.), **Avaliação psicológica no contexto escolar e educacional.** Porto Alegre: Artmed.

Fern, E. F. (2001). **Advanced focus group research**. Sage Publications, Inc. https://dx.doi.org/10.4135/9781412990028

Fuhrmann, D., Knoll, L. J., & Blakemore, S. J. (2015). Adolescence as a sensitive period of brain development. **Trends in cognitive sciences**, 19(10), 558-566. https://doi.org/10.1016/j.tics.2015.07.008

Gatti, B. A. (2005). **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro.

Gibbs, A. (1997). Focus groups. **Social research update,** 19(8), 1–8. Recuperado de https://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html.

Gobbo, J. P., Nakano, T. D. C., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2019). Escala de projetos de vida para adolescentes: evidências de validade de conteúdo. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia,** 10(1), 20–40. https://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p20

Gondim, S. M. G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 12(24), 149–161. https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004

Inhelder, B., & Piaget, J. (1976). **Da lógica da criança a lógica da adolescente:** ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Pioneira (original publicado em 1958).

International Test Commission. (2017). **The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests** (Second edition). [https://www.intestcom.org/]

Kidd, P. S., & Parshall, M. B. (2000). Getting the focus and the group: Enhancing analytical rigor in focus group research. **Qualitative Health Research**, 10(3), 293–308. https://dx.doi.org/10.1177/104973200129118453

Krueger, R. A., & Casey, M. A. (2009). **Focus groups:** a practical guide for applied research (4th ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

Lee, T.-Y. (2019). Adolescence in the Contemporary World. *In*: S. Hupp & J. D. Jewell (Eds.). **The Encyclopedia of Child and Adolescent Development**. (Vol.7). Hoboken: John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad301

Morgan, D. (1997). **Focus group as qualitative research.** Thousand Oaks: Sage Publications. https://doi.org/10.4135/9781412984287

Pacico, J. C., Zanon, C., Bastianello, M. R., Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2013). Adaptation and validation of the Brazilian version of the Hope Index. **International Journal of Testing**. 13 (3), 193–200. https://doi.org/10.1080/15305058.2012.664833

Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. *In*: C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini. **Psicometria** (pp. 55–70). Porto Alegre: Artmed.

Pasquali, L. (2010). **Instrumentação psicológica:** Fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed Editora.

Pereira, B. C., Gobbo, J. P., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2017). **Processo de construção dos itens da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA).** Resumo apresentado no International Symposium Adolescence(s): Vulnerabilities, Protagonisms and Challenges, São Paulo, SP. http://dx.doi.org/10.22388/2525-5894.2017.30

Riter, H. D. S., Dellazzana-Zanon, L. L., & Freitas, L. B. D. L. (2019). Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. **Revista da SPAGESP**, 20(1), 55–68. Recuperado de https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1003116

Robson, C., & McCartan, K. (2016). **Real world research**. Hoboken: John Wiley & Sons.

Steinberg, L. (2012). Should the Science of Adolescent Brain Development Inform Public Policy? **Issues in Science and Technology**, 28(3), 67–78. Recuperado de http://www.jstor.org/stable/43315672

Urbina, S. (2014). **Essentials of psychological testing.** Hoboken: John Wiley & Sons.

Vieira, G. P., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2020). Projetos de Vida na Adolescência: uma Revisão Sistemática da Literatura. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 13(3), 1–12. https://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15474

Willis, G. (2018) Cognitive interviewing in survey design: State of the science and future directions. *In*: D. Vannette & J. Krosnick (eds). **The Palgrave handbook of survey research**. Houndmills: Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-319-54395-6_14

Zamanzadeh, V., Ghahramanian, A., Rassouli, M., Abbaszadeh, A.,..., & Nikanfar, A. R. (2015). Design and implementation content validity study: Development of an instrument for measuring patient-centered communication. **Journal of Caring Sciences,** 4(2), 165–178. https://doi.org/10.15171/jcs.2015.017

Zanon, C., Lessa, J. P. A., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2018). Aquiescência em autorrelatos de personalidade: uma comparação de métodos. **Avaliação Psicológica**, 17(4), 428–438. https://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1704.3.03

Zanon, C., Brenner, R. E., Baptista, M. N., Vogel, D. L,..., & Zlati, A. (2020). Examining the dimensionality, reliability, and invariance of the Depression, Anxiety, and Stress Scale–21 (DASS-21) across eight countries. **Assessment**. Advance online publication. https://doi.org/10.1177/1073191119887449

Zanon, C., Fabretti, R. R., Heath, P., & Zacarias, J. M. (2021). **Assessment**. Advance online publication. https://doi.org/10.1177/10731911211024354.